

A escrita de educandos (as) no curso de formação de professores para as escolas do campo- LECAMPO: um estudo na perspectiva das representações sociais

Welessandra Aparecida Benfica - Doutoranda FAE-UFMG
Maria Isabel Antunes Rocha-Orientadora

RESUMO

Este trabalho propõe estudar as representações sociais sobre a escrita acadêmica de educandos no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem como objetivo geral compreender o processo de apropriação da escrita acadêmica para os educandos por meio da identificação dos percursos adotados no processo de constituição da escrita acadêmica. Objetiva também compreender quais são os processos afetivos e cognitivos presentes na elaboração da escrita acadêmica pelos educandos e entender as implicações que os percursos adotados tem sobre a formação do professor para as escolas do campo. Nessa pesquisa, as entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002) serão trabalhadas para entender o que se passa com esses sujeitos em suas relações com a escrita acadêmica desde o momento que entram para a universidade. Partindo-se de estudos que evidenciam condições específicas de elaboração conceitual sobre a escrita acadêmica (CARVALHO, 2001, CARVALHO, 2010, BARROS, 2001) pretende-se conduzir o trabalho de pesquisa por meio da abordagem das Representações Sociais em sua vertente processual liderada por Jodelet e tendo-se como pressupostos epistemológicos as discussões de Marx, Gramsci e Freire.

Palavras-chave: escrita-licenciatura em educação do campo- representações sociais

A escrita como objeto de estudo

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica. A escrita ocupa um lugar de destaque no processo de escolarização e pode-se dizer que não é possível dissociar as condições pelas quais passa o sujeito que está neste processo da importância atribuída à escrita socialmente.

Quem não sabe ler e escrever tem sua condição agravada pelo fato de que essas habilidades condicionam sua inserção no trabalho, nas relações sociais e cotidianas e ainda se identifica com um elemento que pesa fortemente na definição de uma representação central sobre um sujeito que sabe ler e escrever.

A escrita na formação de professores apresenta inúmeros desafios. Ela exige forma, conteúdo, obedece a uma lógica e tem estrutura própria. As marcas da oralidade que estão presentes na escrita acadêmica e que já foram alvo de estudos por parte de alguns pesquisadores (STREET, 2003; MACEDO 2005; MARINHO 2010; CARVALHO, 2010) permitem dizer que alguns estudantes, ao se depararem com a escrita na universidade e com as exigências que ela impõe sentem-se desanimados,

podem desistir ou reelaborar as representações que trazem sobre a escrita constituída por eles.

Denomino nesse trabalho *escrita constituída* como aquela que emerge das relações estabelecidas na família, no trabalho, nas experiências escolares e nas relações com os pares. E esta por sua vez é modificada pelas formas de pensar sentir e agir dos alunos no confronto que surge no embate escrita constituída e práticas de letramento acadêmico.

Pode-se dizer que o conceito de escrita foi sendo reformulado ao longo dos tempos e a definição de um campo de estudos sobre ela passa principalmente pela elaboração conceitual da escrita além da escola.

RIAD (2011) afirma que

Se, antes, era possível ver o desempenho na escrita como habilidades individuais de ler e escrever, adquiridas principalmente na escola, hoje é necessário situar qualquer prática envolvendo a leitura e a escrita em um contexto sócio-histórico-cultural específico. Olhar para as habilidades individuais reforça dicotomias conhecidas: alfabetizados X analfabetos; letrados X iletrados e não considera outros tipos de letramento, principalmente aqueles que acontecem fora do contexto escolar.(RIAD, 2011, pág.4)

Assim, se levamos em consideração de que os estudantes já chegam à universidade trazendo em sua escolarização a elaboração social que fazem da escrita não há como dizer que esse estudantes que chegam nos cursos de licenciatura não dominam a escrita. Eles não dominam as convenções e estas por sua vez são alicerce de um poder que é revelado socialmente a cada momento que eles se sentem impelidos a modificar as formas com as quais se relacionam com esse instrumento.

Além disso, é preciso considerar que o próprio conceito de letramento, que vem dizer da importância de se considerar as práticas sociais de leitura e escrita ainda se encontra em construção no Brasil, dado o fato de que ele *“recobre tanto fenômenos antigos quanto fenômenos novos, resultantes de mudanças na sociedade brasileira, nos modos como nos relacionamos com a cultura escrita, principalmente em tempos de novas tecnologias da escrita e de crescentes pressões por inclusão vindas dos movimentos sociais”*. (MARINHO, 2010, pág.19).

Não há linguagem escrita sem alarde (Barthes, 1975, pág.3) e isso evidencia o barulho que a produção da escrita faz ao ser colocada na ciranda da vida dessas pessoas.

As pesquisas que por ora se encontram em movimento dentro da formação de professores no LECAMPO e em outros campos de produção do saber¹ nos fornecem pistas que podem dizer da grande dificuldade em se trabalhar as escritas desses alunos dentro da universidade e solicitam avançar nos estudos que permitam a construção de um projeto de cursos de formação que contemplem com mais atenção os aspectos que envolvem a escrita constituída por esses alunos.

Neste trabalho, sustento a hipótese de que quando esses alunos entram na universidade eles fazem seleções e arranjos na tarefa de relacionar as escritas que trazem com a escrita acadêmica e quando se deparam com a necessidade de escrever em trabalhos como a monografia, os resumos, fichamentos e outros eles podem sustentar, reelaborar, modificar ou manter as duas ou mais formas de escrita presentes em suas experiências.

Estudos diversos sobre a educação do campo, dentre eles, Arroyo (2009), Antunes(2009);Hage(2009); Martins(2010) evidenciam que é fértil e produtiva a perspectiva de se entender a educação do campo como um referencial teórico que possibilite a construção dos princípios que sustentam a convergência da universidade com os movimentos sociais e com as demandas dos povos que vivem, trabalham e produzem por meio da terra. Além disso, toda essa produção evidencia que não há como dizer de educação do campo sem dizer dos movimentos dos trabalhadores que vivem nesse espaço, protagonistas de sua história e produtores de idéias e que a materialidade dessa escola do campo encontra-se alicerçada na materialidade da terra como categoria de estudo e na formação dos professores que atuam nessa escola.

PIO (2011), em uma investigação realizada em uma oficina de leitura e escrita de textos didáticos da disciplina de Ciências no LECAMPO, reconhecida pelos estudantes como sendo a mais significativa para a formação deles, no que diz respeito à apropriação de ritos da escrita em espaços formais, vem afirmar a necessidade de avançarmos na compreensão sobre a formação de professores de Ciências como leitores, produtores e mediadores de textos, bem como na proposição de componentes curriculares para o curso de Licenciatura em Educação do Campo, considerando-se assim, que existe dentro do próprio curso a possibilidade de visualização de componentes pedagógicos que auxiliam nessa formação e por fim na constituição da escrita acadêmica.

¹ Os estudos até agora localizados nos grupos de pesquisa evidenciam relações da escrita e psicanálise (RIOLFI e BARZOTTO, 2012), escrita e processo de aquisição (MIRANDA e Cunha;2010); cultura escrita e letramento(MARINHO e CARVALHO;2010).

Nesse sentido, outro trabalho realizado por RODRIGUES(2012), sobre a escrita acadêmica em contexto de formação se professores do campo buscou-se discutir e compreender as condições de produção do texto escrito na universidade; analisar em que medida o curso propicia ao professor-aluno construir um lugar de pertencimento à comunidade acadêmica; e definir o lugar e a importância do ensino/aprendizagem da escrita acadêmica no curso de Licenciatura em Educação do Campo concluiu que as práticas centradas no modelo de Letramentos Acadêmicos, proposto por Lea e Street (1998), ainda são tímidas. Persiste uma forte tendência de se privilegiar os modelos das habilidades e da socialização acadêmica em detrimento de práticas que favoreçam a compreensão pelos alunos das relações de poder que permeiam a universidade, compreensão que permitiria uma maior inserção nas práticas de letramento acadêmico. Este trabalho evidenciou que há um evento a ser investigado e que ele não está localizado apenas nas práticas de formação dos alunos *dentro* da universidade.

CARVALHO (2010, pág.297), afirma que “ao se assumir a diversidade de usos da língua escrita, *projeta-se, como ponto de tensão no interior da própria modalidade escrita, a avaliação do fenômeno da diversidade. A cultura escrita nesse sentido não é um espaço de estabilidade, mas permeado por disputas políticas* que instituem julgamentos e promovem uma determinada visão sobre o funcionamento da língua. (grifos meus)

Portanto, pesquisar sobre a escrita e a relação com a formação de professor para o campo significa para mim um encontro muito produtivo e ao mesmo tempo inevitável. Não é possível dissociar a formação que se dá no espaço da universidade, dos embates travados entre as novas formas de olhar o mundo, que são reveladas pelos diversos sujeitos que entram para a universidade. Assim, esse sujeito traz para dentro da constituição do seu texto todas as experiências que compõem numa inserção no mundo letrado e que se encontram alicerçadas no vínculo com a terra e com tudo que nela se produz: homens, mulheres, crianças e idosos marcados por uma temporalidade e características peculiares.

Pressupostos epistemológicos da pesquisa

Para dizer do objeto que apresento, faz-se necessário abordar os pressupostos epistemológicos que o sustentam. É importante ressaltar como aconteceu a chegada

até a Teoria das Representações Sociais e que esta só veio a se constituir a teoria que sustentaria a discussão do mesmo depois de leituras realizadas sobre Marx, Gramsci e Paulo Freire.

A escolha pela abordagem processual, liderada por Denise Jodelet, dentro da Grande Teoria das representações sociais, torna possível a reflexão sobre a escrita para os licenciandos do LECAMPO e se encontra vinculada inicialmente nesse trabalho à problematização desses três autores que ao sustentar a epistemologia do conhecimento sobre a sociedade, o homem e a transformação social, fornecem elementos que me permitem elaborar questões pertinentes e pensar com mais profundidade nas perspectivas que este estudo oferece para a pesquisa em educação.

Penso que dividir essa ideia em três momentos diferentes e complementares permite-nos pensar nas mudanças sociais com maior escopo teórico.

Num primeiro momento, acredito que Marx traz a contribuição mais fecunda desse trabalho. A partir do materialismo dialético, aqui entendido como a forma de contraposição ao processo filosófico de explicar o mundo pelos conceitos formados na razão, penso que Marx tem a intenção de afirmar que no processo de compreender a ação do homem no mundo a sua história e sua realidade social são fundamentais.

As leituras com Marx permitem dizer que se existem representações trazidas por esses alunos sobre a escrita para dentro da universidade elas são fruto primeiramente de seus embates com o trabalho e a produção da força material que emerge dele.

Particularmente em relação aos alunos que estudam na Licenciatura em Educação do campo, é preciso verificar em que lugar esses embates se dão e como é o processo de sua constituição.

Desde Marx vemos emergir um conceito de sociedade que se encontra alicerçado na contradição e que é complementado aqui nesse trabalho pela mudança social proposta por Gramsci..

Num extenso programa de estudos realizado por esse autor nos anos que permaneceu encarcerado na Itália e que desenvolveu uma escrita intensa intitulada Cadernos do Cárcere, pode-se ver que a sociedade começa a ser pensada a partir da intervenção do homem na elaboração de uma consciência da dominação e da necessidade de superar a ordem instaurada com a evolução dos meios de produção. Emerge das relações entre os homens aqueles que são denominados por ele como intelectuais orgânicos.

Segundo Gramsci (1982, p.3),

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político.(GRAMSCI, 1982, trad. Pág.3)

O que tem ficado mais evidente nas leituras sobre Gramsci e que se encontram nesse momento à espera de uma escrita mais pontual sobre elas é que nesse autor percebo claramente que a condição da luta contra o ortodoxia, o autoritarismo e a fragmentação do conhecimento é uma das vias possíveis da mudança social. A pesquisa por si não se presta a isso se a ela não estiver conjugada as condições que a fizeram existir e que para mim estão diretamente relacionadas à forma como o homem entende essas condições: pela via da indignação e da esperança.

Em uma passagem conhecida de Freire ele afirma que “não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida , destruindo sonho , inviabilizando o amor, se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Transcrevo parte das notas introdutórias do livro Pedagogia da indignação, elaborada por Andreola à época de seu lançamento, e que afirma o compromisso de quem ficou após as leituras de Paulo Freire,

Cabe a nós, pois, não fundarmos clubinhos ou capelas, mas promovermos o diálogo amplo e crítico entre as grandes teorias que, contra a maré do determinismo e do fatalismo inexorável da economia de mercado, da especulação, da ganância e da exclusão, querem contribuir para um novo projeto planetário de convivialidade humana. Cabe a nós, Paulo, que aqui ficamos, derrubarmos muros e inventarmos o que venho chamando, há alguns anos, uma engenharia epistemológico-pedagógica de pontes, através das quais possamos ir e vir, ao encontro uns dos outros, sonhando com o dia em que possamos sentar à sombra desta mangueira da fraternidade global. (ANDREOLA, Balduino A. pág.13, 2012)

Freire nos mostra que sem indignação não há alteração possível e isso me proporciona pensar nas elaborações conceituais e práticas que farei no trabalho que pretendo desenvolver.

Uma definição fundamental nesse trabalho é também aquela que afirma ser a educação do campo um paradigma e uma referencia teórica. A abordagem que se pretende nesse trabalho não se desvincula do desejo da construção de uma escola do campo como um lugar onde as condições materiais e simbólicas da vida sejam alvo de discussão. Que ajude a construir ferramentas para a superação, e que os princípios do

protagonismo, da educação como direito e da materialidade do campo apareçam articulados a um projeto de sociedade. A pesquisa sobre a escrita acadêmica dos alunos pode oferecer reflexões acerca dessa articulação.

No entanto, a partir dessa construção que expressa a relação homem-sociedade- mudança social, um incômodo é gerado quando vemos de um lado as ciências que estudam o sujeito por meio de suas ações coletivas dentro de um grupo e outras que percebem seus comportamentos desvinculados da realidade social. Em todos os âmbitos em que está em jogo a elaboração de um saber sobre o sujeito esse risco se manifesta.

As representações sociais como possibilidade teórico-metodológica

Os estudos ancorados na Teoria das Representações sociais e particularmente na abordagem processual, liderada por Denise Jodelet, vem dizer não se pode conceber um sujeito sem sua atuação no mundo e sua intervenção na realidade e nem tampouco, tornar a sociedade inteligível em seu percurso como único foco de análise.

Após Marx, em sua abordagem sobre a contradição, Gramsci e sua elaboração sobre a mudança social e Freire em sua pedagogia da indignação e esperança não há possibilidade de se pensar que existe uma cisão entre indivíduo e sociedade.

Jodelet marca em sua discussão a possibilidade de se ver dos dois lugares: o individual como foco e fazer emergir o coletivo e também ver o caráter social e entender o sentido que o sujeito constrói disso. Esta autora marca também a emergência das representações sociais a partir do lugar da formulação da experiência dos sujeitos e isso foi fundamental para a elaboração do objeto de pesquisa. Se por um lado, “a experiência subjetiva é difícil de abordar, ela só pode ser conhecida a partir daquilo que os sujeitos testemunham em seus discursos, mesmo os interiores”. (Jodelet, 2005, pág.32).

Ao abordar as conexões entre as experiências e o vivido ainda afirma que

Ao lado da dimensão vivida, a experiência comporta uma dimensão cognitiva na medida em que ela favorece uma experimentação do mundo e sobre o mundo e contribui para a construção da realidade segundo categorias ou formas que são socialmente dadas. (Jodelet, 2005, pág. 32)

Pensar melhor nas categorias de análise que elegi para esse estudo sobre a escrita e formação de professores tem sido um desafio. Ouvi certa vez que “o conceito

fecunda a análise” e essa análise retorna ao conceito como possibilidade de modificá-lo, ampliá-lo ou refutá-lo.

Assim, antes da abordagem de um objeto é preciso pensar as categorias como socialmente determinadas, que por sua vez tem força sobre as representações individuais e são por estas problematizadas (pensar) refletidas (sentir) e ampliadas (agir).

Para Moscovici (1978), *“as representações sociais individual ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser. Mostram-nos que, a todo instante, alguma coisa ausente se lhe adiciona e alguma coisa presente se modifica”*.

Assim, as imagens construídas por um grupo podem ser vistas como formulações específicas de um determinado contexto de produção, são engendradas e construídas por meio das interpretações que continuamente elaboramos sobre elas.

Moscovici (1978, p. 25) discorre sobre as representações sociais e afirma que

Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são e que nos tornam comuns. Encarada de modo passivo, ela é compreendida a título de reflexo, na consciência individual ou coletiva, de um projeto, de um feixe de idéias que lhe são exteriores. A analogia com uma fotografia captada e alojada no cérebro é fascinante; a delicadeza de uma representação é, por conseguinte, comparada ao grau de definição e nitidez ótica de uma imagem. É nesse sentido que nos referimos, freqüentemente, à representação (imagem) do espaço, da cidade, da mulher, da criança, da ciência, do cientista, e assim por diante. (MOSCOVICI, Serge. 1978, pág.25)

Percebe-se claramente que no processo de construção das representações sociais há espaço para o ator social, para a subjetividade, para uma construção a ser desvendada com rigor teórico-metodológico.

Como afirma Rocha (2012 p.20),

a teoria das representações sociais pode se constituir como uma ferramenta teórica e metodológica útil para conhecer, interpretar e intervir no coletivo dos profissionais da educação em contextos de desigualdades e diversidade. Isto porque, ao abordar formas de pensar/sentir em situações de conflito entre o instituído e o instituinte, cria possibilidades para discussão da prática cotidiana e, conseqüentemente, de uma formação problematizadora. (ANTUNES-ROCHA, 2012, pag.20)

A Teoria das Representações Sociais emerge como possibilidade de explicação das representações que os alunos constroem a respeito da escrita a partir da entrada no curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Lembremos o que significa uma representação para Moscovici “ *o produto e o processo de uma atividade mental por intermédio da qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real com o qual é confrontado e lhe atribui uma significação específica.*

Em Jodelet (2001, pág. 21), encontro a vontade de prosseguir nessa análise.

As representações sociais são fenômenos complexos e sempre ativados e em ação na vida social. Em sua riqueza, como fenômeno, descobrimos diversos elementos (alguns, às vezes estudados de modo isolado):informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. Contudo, esses elementos são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade. É esta totalidade significativa que em relação com a ação, encontra-se no centro da investigação científica, a qual atribui como tarefa, descrevê-la, analisa-la, explica-la, em suas dimensões, formas, processos e funcionamento. (pág.21).

Assim, as representações sociais revelam-se como sustentação do formato teórico-metodológico desse estudo e permitem entender as formas de pensar, sentir e agir dos licenciandos (as) sobre a escrita.

Referencias

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Aracy Alves. Educação do Campo; desafios para a formação de professores. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

ANTUNES-ROCHA, Isabel.Da cor de terra: representações sociais de professores sobre os alunos no contexto de luta pela terra.Belo Horizonte, Editora UFMG,2012.

BARROS, Ana Paula Belford Leão dos Santos Práticas de escrita e formação docente: da produção textual cotidiana à construção do artigo científico. Programa de Pós Graduação em Educação_ Universidade Federal de Pernambuco. 2010.

CARVALHO, Maria do Rosário de Fátima de. O Outro lado do aprender – representações sociais da escrita no semi-árido norte-rio-grandense. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana; Natal: EDUFRRN, 2001.

CORAGEM, Amarilis Coelho; JORGE, M. L. S; MACHADO, Maria Zélia Versiani; MARINHO,Marildes. Ler e escrever memórias: práticas de letramento no campo. In: ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, A. A. (Org.). Educação do campo: desafio para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica: 2009. v. 1, p. 119-138.

DIAS, Vânia Dias. Práticas de leitura de professoras do meio rural.1999.196 f. Dissertação (Mestrado em Educação).Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

FIAD, Raquel Salek. A escrita na universidade. Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 357-369. 2ª parte 2011. FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

JODELET, Denise. As representações sociais. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro:UERJ, 2001.

JODELET, Denise. Experiência e representações sociais. Em: M.S.S. Menin; A.M. Shimizu (orgs). Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In.: As representações sociais. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro:UERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W.. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp. 20-28. ISSN 1413-2478.

MOSCOVICI, Serge. A psicanálise, sua imagem e seu público. Petrópolis, Vozes, 2012.

MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (org.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010. 533p.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. In.: Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 10, n. 2, p. 347-361. Belo Horizonte, 2010.

PIO, Jucélia Marize. Apropriação da escrita no contexto da formação de professores de ciências na educação do campo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de MG; 2011.

RODRIGUES; Ana Paula da Silva. Escrita acadêmica em contexto de formação de professores do campo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de MG; 2012, 247 p.